



Pesquisa-ação e o fortalecimento comunitário: o estudo de caso da Associação Comunitária Candonga em Morretes, PR

Action research and community empowerment: the case study of the Candonga Community Association in Morretes, PR

Camila Arielle Bufato Moreira¹
Jéssica Puhl Croda²
Diomar Augusto de Quadros³

RESUMO:

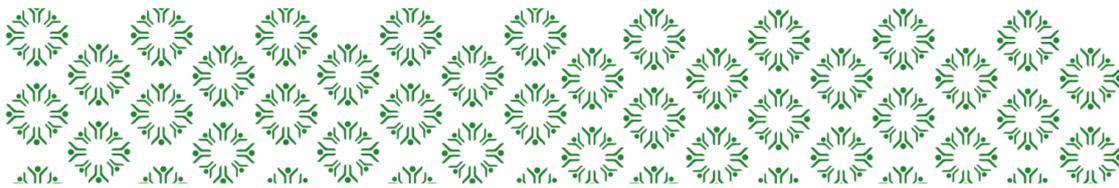
A pesquisa-ação combina a produção de conhecimento com a resolução de problemas, envolvendo participantes em um ciclo contínuo de reflexão, ação e avaliação. Ao integrar teoria e prática, promove colaboração e adaptação para gerar conhecimento inovador e aplicável. A Associação Comunitária Candonga, com sua cozinha comunitária voltada para o processamento de produtos agroecológicos, está reestruturando suas atividades com o apoio do projeto NAPI Alimento e Território desde 2023. Este estudo mobiliza e analisa o uso da metodologia da pesquisa-ação, identificando potencialidades, limitações e desafios no território. A metodologia revelou a importância de integrar conhecimento acadêmico com saberes locais, proporcionando um entendimento intrínseco das necessidades da comunidade. Com base nas informações coletadas, foram adquiridos novos equipamentos e realizadas oficinas para promover associativismo e autonomia. A Comunidade reativou a cozinha e iniciou a organização de feiras locais. Marcos significativos incluem a eleição de uma nova diretoria, a obtenção do título de utilidade pública e a construção de uma cobertura para a área externa da cozinha, destacando o protagonismo local. Em suma, a universidade deve atuar como mediadora, integrando pesquisa e extensão para promover a emancipação social e estimular o desenvolvimento territorial sustentável, utilizando metodologias participativas para identificar e atender às necessidades locais.

Palavras-chave: pesquisa-ação; metodologias participativas; desenvolvimento territorial sustentável; produtos agroecológicos; protagonismo local.

¹ Pós Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Doutorado em ENGENHARIA AMBIENTAL pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: camilabufato@gmail.com

² Doutorado em Engenharia Florestal (PPGEF/UFSM). Atualmente é pós-doutoranda na Universidade Federal do Paraná Setor Litoral (PPGDTS/UFPR). Docente voluntária na Escola Família Agrícola Jean Pierre Mingan (Acrelândia, AC). E-mail: jessicapcroda@gmail.com

³ Doutorado em Alimentos e Nutrição pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Curso de Tecnologia em Agroecologia e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. E-mail: diomar@ufpr.br



ABSTRACT:

Action research combines knowledge production with problem-solving, involving participants in a continuous cycle of reflection, action, and evaluation. By integrating theory and practice, it promotes collaboration and adaptation to generate innovative and applicable knowledge. The Candonga Community Association, with its community kitchen focused on processing agroecological products, has been restructuring its activities with the support of the NAPI Alimento e Território project since 2023. This study mobilizes and analyzes the use of action research methodology, identifying potentials, limitations, and challenges in the territory. The methodology revealed the importance of integrating academic knowledge with local expertise, providing an intrinsic understanding of the community's needs. Based on the collected information, new equipment was acquired, and workshops were held to promote associationism and autonomy. The community revived the kitchen and started organizing local fairs. Significant milestones include the election of a new board, obtaining public utility status, and constructing a cover for the kitchen's outdoor area, highlighting local leadership. In summary, the university should act as a mediator, integrating research and extension to promote social emancipation and stimulate sustainable territorial development, using participatory methodologies to identify and address local needs.

Keywords: *Action research; participatory methodologies; sustainable territorial development; agroecological products; local leadership.*

Introdução

A operacionalização de metodologias participativas, como a pesquisa-ação, é essencial para potencializar a extensão universitária. Essa abordagem não só promove a criação e disseminação de conhecimento acadêmico, mas também fortalece a atuação da universidade na resolução dos problemas enfrentados pelas comunidades. Thiollent (2011) destaca que essas metodologias incentivam uma colaboração mais profunda entre a academia e o contexto social, facilitando a integração entre a aprendizagem e a prática comunitária. Nos projetos de extensão, a aplicação da dialogicidade — entendida como uma comunicação de mão dupla — é importante, permitindo uma colaboração mais efetiva e uma melhor conexão entre a universidade e a comunidade.

A pesquisa-ação demanda uma análise constante da interação entre conhecimento e prática. Dionne (2007) afirma que a pesquisa de campo é fundamental para essa abordagem, que tem como objetivos principais melhorar a eficácia das ações e gerar novos conhecimentos. Nesse sentido, a pesquisa-ação se insere em uma abordagem colaborativa que integra estratégias de pesquisa e de ação. Esses elementos



sublinham os fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa-ação, ressaltando sua capacidade de oferecer uma alternativa mais dinâmica e integrada em comparação com métodos tradicionais.

Um exemplo dessa abordagem é o Programa de Novos Arranjos de Pesquisa e Inovação (NAPI Alimento e Território). Esta iniciativa do Sistema Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Paraná ilustra a aplicação da pesquisa-ação ao promover a produção colaborativa de conhecimento para atender às necessidades prioritárias dos territórios (Paraná, 2019). O NAPI Alimento e Território estabelece parcerias com instituições como a Universidade Federal do Paraná (UFPR - Setor Litoral), o Instituto Federal do Paraná (IFPR Campus Paranaguá), a Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR Campus Dois Vizinhos) e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste Campus Francisco Beltrão), exemplificando como a pesquisa-ação pode ser operacionalizada de forma eficaz em diferentes regiões para promover a inovação e a resolução de problemas locais.

No litoral paranaense, a equipe envolvida é composta por professores, pós-doutorandos e estudantes de graduação, mestrado e doutorado, provenientes de diversas áreas de conhecimento, tais como Economia, Agronomia, Nutrição, Geografia, História, Agroecologia, Biologia, Engenharia Florestal e Engenharia Ambiental. Os territórios de pesquisa e atuação abrangem a Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger (Antonina), a Associação Comunitária do Guaraguaçu (Pontal do Paraná) e a Associação Comunitária Candonga (Morretes). No entanto, a presente pesquisa está especificamente delimitada à Comunidade Candonga, no território de Morretes.

Na Comunidade Candonga, a produção de farinha de mandioca (aipim) se destaca como uma das principais atividades produtivas, realizada em farinheiras artesanais por várias famílias. Esse processo não só gera a farinha, mas também resulta em subprodutos estimados como cuscuz, bebereca⁴, biju e chips de mandioca. Além de desempenhar um papel importante na segurança alimentar das famílias, a produção de mandioca oferece um potencial econômico significativo, permitindo a comercialização

⁴Pãozinho redondo, elaborado com massa fermentada de mandioca e assado em folhas de bananeira.



tanto do produto in natura quanto de suas formas industrializadas (Denardin; Sulzbach, 2010).

Complementando as atividades econômicas da região, foi construída uma cozinha comunitária no território, onde diversos produtos agroecológicos locais são possíveis de serem processados. Entre os itens estão os chips de mandioca, bolachinhas de fubá com erva-doce, empadinhas, pães, pastéis e molho de pimenta. No entanto, ao longo do tempo, a cozinha comunitária enfrentou desafios e acabou se desarticulando, o que impactou a continuidade de suas atividades.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é evidenciar as dimensões organizativas e coletivas da Comunidade Candonga, oferecendo suporte à produção agroecológica, ao processamento de alimentos na cozinha comunitária e à comercialização desses produtos. O estudo busca também analisar a aplicação da pesquisa-ação em colaboração com a Associação Comunitária Candonga, identificando as principais potencialidades, limitações e desafios enfrentados no território.

O texto está estruturado em cinco seções, incluindo a introdução e as considerações finais. O segundo tópico aborda a definição e características da pesquisa-ação; o terceiro explora o contexto histórico e social da Comunidade Candonga, a quarta seção analisa o caso específico da pesquisa-ação na mobilização dos atores por meio da cozinha comunitária da Candonga e, por fim, o quinto tópico apresenta as principais conclusões do estudo.

Pesquisa-Ação: Integrando Teoria e Prática

O princípio orientador deste trabalho é a pesquisa-ação, que busca alcançar dois objetivos simultâneos: a produção de conhecimento científico e a resolução de problemas concretos por meio da ação. De acordo com Thiollent (2011), a pesquisa-ação distingue-se dos métodos tradicionais por sua abordagem empírica e prática. Em vez de se limitar à observação e análise, ela envolve os participantes, ou atores, de forma ativa e colaborativa. Estes não são apenas sujeitos de estudo, mas parceiros no processo de identificar problemas, desenvolver e testar soluções, e implementar mudanças no contexto real. O método é caracterizado por um ciclo contínuo de reflexão, ação e



avaliação, permitindo ajustes constantes baseados na experiência prática e na interação com os envolvidos.

Conforme Dionne (2007), a pesquisa é estruturada com métodos científicos rigorosos, enquanto a ação é desenvolvida a partir de práticas táticas variadas. Essa abordagem pode gerar conflitos, já que as estratégias de pesquisa e ação podem ter objetivos e ritmos diferentes. Enquanto a pesquisa se concentra na produção de conhecimento e aborda questões amplas com um ritmo mais paciente, a ação é mais imediata e focada em situações concretas. O desafio prático envolve garantir a colaboração e o engajamento dos participantes na solução dos problemas, além de avaliar continuamente as ações para assegurar que os objetivos iniciais sejam mantidos. Morin (2004) descreve a pesquisa-ação como um organismo vivo, no qual cada componente desempenha papéis distintos, mas interdependentes, contribuindo para a coesão e a riqueza do processo como um todo.

Nesse sentido, a pesquisa-ação está epistemologicamente alinhada com o construtivismo social, buscando integrar conhecimento e ação, destacando-se pela sua abordagem prática e pela solução de problemas identificados. Segundo Dionne (2007), Morin (2004) e Thiollent (2011), cinco características fundamentais definem a pesquisa-ação: 1) promove a colaboração entre pesquisadores e participantes; 2) a pesquisa-ação deve incluir objetivos de conhecimento e objetivos de ação; 3) produz conhecimento inovador por meio de suas práticas; 4) estabelece critérios próprios de objetividade científica; e 5) apresenta uma dimensão sociopolítica significativa.

Seguindo essa linha de pensamento, a colaboração entre pesquisadores e participantes é um dos aspectos fundamentais da pesquisa-ação. De acordo com Dionne (2007), esse método promove a criação de conhecimento coletivo ao transcender soluções técnicas, incentivando o diálogo e a troca de experiências entre todos os envolvidos. Esta abordagem visa reduzir a lacuna entre teoria e prática, estabelecendo um vínculo mais estreito entre pesquisadores e atores, ao contrário da ciência clássica, que frequentemente mantém pesquisadores e atores em papéis isolados.

A pesquisa-ação enfatiza a colaboração e a integração entre ambos, e o hífen em "pesquisa-ação" simboliza a aliança entre pesquisadores e atores, destacando a



importância do trabalho conjunto para a efetiva resolução de problemas e a produção de conhecimento. Thiollent (2011) complementa que esse processo deve ser cooperativo e participativo, reforçando a necessidade de um envolvimento ativo de todas as partes para o sucesso da pesquisa.

Diferentemente da pesquisa tradicional, onde o participante permanece distante durante a análise e o processamento dos dados, a pesquisa-ação garante que os atores estejam constantemente envolvidos no processo. A análise dos dados ocorre através de um processo contínuo de troca e diálogo com os participantes. Os procedimentos analíticos são mais dinâmicos, constantemente confrontando a realidade dos participantes (Dionne, 2007). A construção e a troca de conhecimento ocorrem em contextos interativos que incentivam o pesquisador a obter informações diretamente das práticas e o participante contribui ativamente para o desenvolvimento do saber. Nesse ambiente, a distinção tradicional entre pesquisador e participante tende a se diluir, dando origem a um grupo colaborativo envolvido em um objetivo comum (Dionne, 2007).

Dessa forma, surge uma nova dinâmica de colaboração em que o pesquisador se engaja diretamente na prática e o participante foca na reflexão, promovendo uma cooperação mútua e um crescimento conjunto (Morin, 2004). Em síntese, a pesquisa-ação tem a capacidade de gerar conhecimento inovador por meio de suas práticas. Com esse método, é possível capturar informações resultantes da mobilização coletiva em torno de ações concretas. Esse processo favorece o desenvolvimento de novos conhecimentos de maneira original (Dionne, 2007; Thiollent, 2011).

Nesse contexto, a pesquisa-ação é fundamentada em princípios valorativos que englobam o reconhecimento das causas populares, a promoção da democracia em nível local, a busca pela autonomia e a resistência à opressão. Esses princípios não só orientam a prática da pesquisa-ação, mas também legitimam sua ênfase em priorizar grupos marginalizados e iniciativas de caráter social e solidário (Thiollent, 2011).

Com base nos princípios dos projetos de extensão universitária, Thiollent (2011) argumenta que a pesquisa-ação facilita a recuperação e o aprimoramento das ideias dos grupos populares por meio de diálogo e análise crítica. Esse processo não apenas



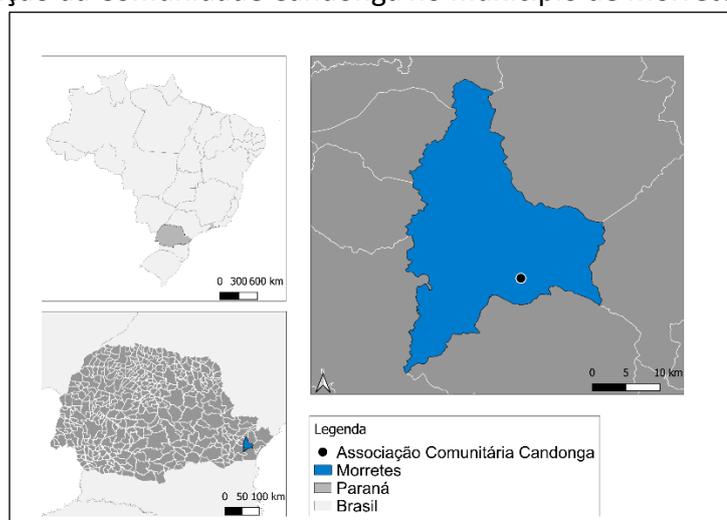
promove a aprendizagem, mas também adapta essas ideias para torná-las práticas e aplicáveis nas atividades dos grupos envolvidos. Em essência, busca-se transformar essas ideias em ações concretas e eficazes.

Do Território à Associação: A História da Comunidade Candonga

A Associação Comunitária Candonga está situada no município de Morretes, na microbacia do Rio Sagrado, no Litoral do Paraná (Figura 1). A microbacia do Rio Sagrado, protegida pela Serra do Mar, é constituída por diversos rios que nascem e desembocam nesta região. As temperaturas médias são de 25°C, com umidade acima de 80% o ano todo (Alvarez, 2008).

A área está inserida na Área de Preservação Ambiental (APA) de Guaratuba, que é uma Unidade de Conservação Estadual destinada ao uso sustentável, e faz parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (ReBIO) (Oliveira; Sarney, 2000). Assim, o território conhecido como Rio Sagrado, junto com a APA de Guaratuba e uma parte significativa do litoral, abriga uma grande extensão da Mata Atlântica (Santos *et al.*, 2011).

Figura 1- Localização da Comunidade Candonga no município de Morretes, Paraná



Fonte: Autores, 2023

Fundada em 1998, a Associação Comunitária Candonga inicialmente contou com a participação de 21 famílias de agricultores familiares. Seu principal objetivo era



promover e defender os interesses sociais, culturais e econômicos de seus membros (Sampaio; Alves, 2013). Com os esforços da Associação, foi construída uma cozinha comunitária que atuou como um centro para atividades socioempreendedoras e uma rede de cooperação horizontal (Araujo; Sampaio, 2004).

O intuito da cozinha era produzir e comercializar diversos produtos agroecológicos locais. De acordo com Sampaio e Alves (2013), as famílias associadas utilizavam a cozinha comunitária para processar frutas e vegetais, produzindo compotas, conservas, doces, balas, chips de banana e mandioca, bolachas, licores e artesanato feito com madeira, sementes nativas e fibras naturais de bananeira e cipó.

Atualmente, a Associação está passando por um processo de reorganização, com ênfase na revitalização da cozinha comunitária. Originalmente projetada para otimizar o beneficiamento e a comercialização de produtos locais e promover atividades coletivas, a cozinha comunitária tornou-se um ponto central para a produção e venda de produtos agroecológicos, além de servir como um espaço de integração e cooperação entre os membros da Comunidade.

No entanto, o uso individual das instalações por parte das famílias resultou na diminuição das atividades coletivas. Em resposta, a Associação atualmente está focada em reativar a cozinha comunitária como um dos principais pilares dessa reestruturação. Além da cozinha comunitária, a sede da Associação também abriga a Biblioteca Comunitária do Rio Sagrado.

Desde outubro de 2023, o projeto NAPI Alimento e Território têm implementado diversas iniciativas voltadas para a mediação e mobilização coletiva, com o objetivo de reativar a cozinha comunitária na Candonga. Para isso, adotou-se uma abordagem integrada, que combina revisão bibliográfica e documental com visitas ao território. A revisão forneceu o contexto histórico e teórico necessário para entender a área em questão, enquanto as visitas e entrevistas, a partir de questionários semiestruturados, facilitaram uma conexão com os associados.

O projeto adota o método da pesquisa-ação, que orienta suas atividades para promover uma compreensão mais profunda e uma atuação prática no território. Esse método vai além da simples geração de conhecimento, busca também diminuir a lacuna



entre teoria e prática, mantendo as especificidades das abordagens científicas e práticas (Dionne, 2007). Os diálogos com a Comunidade exploraram aspectos identitários, históricos, sociais, produtivos e de biodiversidade, permitindo uma visão ampla e detalhada do território.

Pesquisa-ação e a Mobilização do Território por meio da Cozinha Comunitária da Candonga

Dentro dessa iniciativa, a primeira ação do NAPI dentro da Comunidade Candonga foi mobilizar o território para retomar as atividades da cozinha comunitária. Inicialmente, foram realizadas rodas de conversa para apresentar o projeto. A primeira contou com a presença de 6 mulheres associadas, além dos bolsistas do projeto. Esse primeiro contato revelou informações importantes sobre o território e as relações humanas, além dos desafios e potencialidades para o desenvolvimento da região.

Observou-se que muitos na Comunidade estão em situação de vulnerabilidade e não têm acesso à cozinha e às possibilidades de processamento de produtos, muitas vezes devido à distância da cozinha. Embora os diálogos indiquem um potencial para o desenvolvimento de ações coletivas, também surgiram relatos de conflitos pessoais significativos no território. Isso é evidenciado pelo número de participantes nesta primeira roda de conversa.

Nesse mesmo sentido, foram realizadas visitas às famílias dos associados e/ou potenciais associados para realizar o diagnóstico inicial da Comunidade por meio de entrevistas semiestruturadas, com o intuito de mobilizar o território em torno da reativação da cozinha e de aproximação entre projeto e Comunidade. As visitas foram realizadas pela equipe do NAPI em duplas, entre dezembro de 2023 e abril de 2024, totalizando 12 entrevistas. Com base nesses dados, foi elaborado um plano de ação que incluiu a seleção dos temas e a definição da ordem de prioridade para a realização de oficinas, pensada junto com a Comunidade em uma reunião de construção do plano de ação.

Para elaborar o plano de ação, a equipe do NAPI preparou as pautas da reunião e definiu a metodologia a ser empregada, a partir da pesquisa-ação. A primeira etapa da



reunião foi destinada à sensibilização, com o objetivo de incentivar a participação dos envolvidos e criar um ambiente acolhedor. Para isso, foi montado um varal com fotos das visitas realizadas à Comunidade, e alguns dos sonhos relacionados à cozinha comunitária foram selecionados a partir das entrevistas e expostos na parede da sala de reuniões. Essa abordagem favoreceu uma maior interação entre os participantes e, ao destacar esses sonhos, evidenciou a importância deles para o fortalecimento do grupo, lembrando a cada membro os motivos pelos quais fazem parte da associação e da cozinha comunitária, permitindo que se reconectassem com suas motivações e objetivos.

Todas as ações foram desenvolvidas em diálogo com os associados, visando garantir o envolvimento ativo, promover o protagonismo dos atores sociais e integrar o conhecimento e saberes locais. Além disso, a análise das transcrições das entrevistas permitiu identificar as potencialidades, limites e/ou desafios presentes no território, possibilitando mapear recursos e capacidades locais a serem mobilizados ou fortalecidos, bem como reconhecer restrições e dificuldades que poderiam impactar o coletivo e as atividades da cozinha.

Desde o início das atividades de pesquisa e extensão do NAPI Alimento e Território com a Associação da Comunidade Candonga, tem-se observado um aumento no engajamento e protagonismo das famílias. Esse crescimento evidencia a eficácia da abordagem colaborativa e horizontal adotada pelo projeto e o vínculo estabelecido entre os sujeitos envolvidos na Comunidade. Tais práticas são importantes para as atividades de extensão que não apenas valoriza o conhecimento local, mas também promove a autonomia das comunidades.

O projeto tem contribuído significativamente para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para a prática efetiva da autogestão. A pesquisa-ação, como destacado por Dionne (2007), ilustra bem essa dinâmica. Nessa abordagem, os participantes não se limitam a ser meros observadores, mas se envolvem ativamente no processo de pesquisa, assumindo o papel de pesquisadores (Dionne, 2007). Dessa forma, a distância entre teoria e prática é diminuída, promovendo uma integração mais estreita entre o conhecimento acadêmico e as ações comunitárias.



As interações através das entrevistas facilitaram uma aproximação entre os associados e os pesquisadores, além de oferecer um entendimento mais profundo do território, das histórias de vida, das práticas de organização coletiva e dos saberes locais. Ressalta-se que toda a produção das famílias segue os princípios da agroecologia, resultado da localização da Comunidade em uma Unidade de Conservação Federal (APA de Guaratuba) e da consciência ambiental prevalente entre seus membros.

As visitas às famílias permitiram um mapeamento do território e uma compreensão da história de vida dos residentes, suas experiências com a organização coletiva e suas expectativas em relação à cozinha comunitária. Esse processo também incluiu um levantamento da agrobiodiversidade presente nos quintais produtivos, com ênfase nas práticas de beneficiamento. O objetivo foi identificar produtos e alimentos com potencial para serem incorporados à cozinha comunitária, permitindo assim a adaptação das atividades às necessidades e recursos locais.

Sequencialmente foi possível identificar as potencialidades, limites e/ou desafios presentes no território pela análise das falas significativas dos associados. Esse processo revelou um panorama dos recursos e capacidades que podem ser mobilizados ou fortalecidos, bem como as restrições e dificuldades que poderiam impactar o coletivo e as atividades da cozinha comunitária. Com base nas contribuições dos associados, foi possível mapear as habilidades e conhecimentos específicos disponíveis, bem como a infraestrutura existente. Além disso, foram identificados obstáculos, como a fragilidade nas relações interpessoais e a necessidade de fortalecer essas conexões para melhorar a coesão comunitária. Esse entendimento detalhado, fundamentado nas percepções e experiências das próprias famílias, possibilita a formulação de estratégias mais eficazes e alinhadas com a realidade local.

No que diz respeito às potencialidades do território, as principais falas dos atores sociais apontam que a cozinha comunitária possui um potencial que vai além do simples fornecimento de alimentos. Ela é vista como um ponto estratégico, localizado no centro da Comunidade, que pode integrar diversos recursos e funções. Esse local é considerado importante para o desenvolvimento de ações coletivas e soluções para a região do Rio Sagrado.



A cozinha pra mim o potencial não é só o alimento né, eu acho que o alimento ele puxa né, porque é uma tradição daqui também, de viverem do plantio, mas ela tem um ponto muito estratégico e tem a biblioteca, tem essa parte lá de cima, que eu acho que também é um lugar que você também consegue trabalhar até essas ações de educação né, é um lugar que é até mais fácil de agregar pessoas porque está bem no centro da Comunidade. Penso que é um lugar estratégico pra gente pensar soluções para o Rio Sagrado como um todo (Associada 1).

É bonito para a gente olhar. Mas a estrutura que sair irá melhorar, porque se o povo despertar para uma organização coletiva aqui, tem produção aqui para a gente superlotar aquela cozinha. Ela não vence. Além de ter produção, tem um povo com habilidades extraordinárias [...] pra produzir geleia, envasar mel. Nossa, como é bom comer comida no rio sagrado. Fazer bolo, fazer pão, fazer pizza. Tem coisa aqui do arco da velha. Então, tem um potencial gigantesco (Associado 2).

Além disso, as entrevistas apontam que o espaço é valorizado por sua capacidade de promover o desenvolvimento comunitário, criando um ambiente que facilita a organização e a colaboração entre as famílias. A cozinha comunitária se destaca por seu papel na capacitação dos participantes, servindo como um local de aprendizado onde os saberes locais podem ser compartilhados.

Dessa forma, a cozinha é percebida como um centro com grande potencial para fomentar a produção e a colaboração local. Isso é confirmado pelas palavras da Associada 3, que diz: “O fato de ter a associação, de ter o pessoal, sabe, dá uma motivação”, e pelas declarações da Associada 4: “[...] o mais importante sobre a associação é que ela é uma ferramenta de emancipação social”. Essa visão é compartilhada por outros associados, que também destacam o impacto positivo da associação.

Pra mim é mais esse espaço de pensar em coisas coletivas, isso é uma coisa que pra mim sempre foi muito importante, pro meu companheiro também né, a gente é envolvido com um monte de coisa aqui no Rio Sagrado né, então é mais uma instância que ajuda muito pelo fato de ser formalizada, de ter um espaço, então eu acho que é mais um ambiente que possibilitaria ser de desenvolvimento comunitário. E a gente tá muito preocupado com a questão das mudanças climáticas e uma coisa que a gente fala muito é que a gente tem que tá em um lugar que de fato essa Comunidade consiga conversar, ter alguma resiliência, consiga fazer as coisas juntos (Associada 1).

O meu maior sonho é ver as oficinas funcionando aqui na Comunidade na cozinha envolvendo as crianças, só iria somar [...] na cozinha tem uma biblioteca grandiosa, que pode ter um computador pra crianças pesquisarem, lerem [...] na cozinha poderia ensinar a fazer um pão, uma broa, uma bala, na própria cozinha trabalhar com as crianças também (Associada 5).



Acho que a Comunidade podia, não sei se seria até em nível de aprendizado, acho que tinha que aprender como ter esse tipo de relacionamento com todos né [...] acho que tudo tem que ser compartilhado né, tem que estar acompanhando, dividindo, passando a informação a diante (Associado 6).

Foram identificados também a partir das entrevistas os potenciais dos quintais produtivos e do modo de produção agroecológico da Comunidade Candonga. Os quintais, que incluem hortas e pequenos pomares, não apenas fornecem alimentos frescos e saudáveis, mas também servem como fontes de matérias-primas para processamento na cozinha comunitária. Essa integração permite que os alimentos cultivados localmente sejam transformados em produtos, como conservas, polpas, pães, bolachas e geleias, fortalecendo a cadeia produtiva local. Sobre isso o Associado 7 afirma, “Aqui estamos dentro da floresta [...] a gente quer ser autossuficiente”. Outros diálogos no mesmo contexto complementam:

A gente tem uma pegada mais agroflorestal, sempre tem amigos que vem e nos ajudam. [...] a gente faz muito chá, aqui tem bastante hortelã, melissa, boldo, dá muita tanchagem e a gente usa muito pra salada e também pra cicatrização e tem as folhas né, folha de limão e malva (Associada 1).

(...) tem os modelos convencionais (de agricultura) e tudo mais, mas aí a gente vinha com a cabeça diferente, com os movimentos sociais, o (companheiro da Associada 8) vindo do MST, então aí a gente começou a procurar em Morretes. A gente explorou bastante o município de Morretes, tomou mais de dois anos procurando um lugar pra gente morar, até que a gente veio e conseguiu encontrar essa propriedade aqui (Associada 8).

Ainda que a produção não seja tão significativa, mas é uma produção agroecológica, e se essa tragédia climática não nos afetar, vai ser uma produção razoável [...] nós também temos pupunha, o segundo é banana e o terceiro é cítrico (Associado 2).

Quanto aos limites e/ou desafios presentes na cozinha comunitária, a questão mais salientada durante as entrevistas foi relativa à união do coletivo. Embora a colaboração ofereça múltiplos benefícios, o processo de trabalho conjunto nem sempre ocorreu de maneira fluida. Divergências de opinião, conflitos de interesse e dificuldades de coordenação e divisão de responsabilidades acabou gerando tensões e desentendimentos no passado da Associação. Esses desafios resultaram em desestímulo ao associativismo, afetou a motivação dos associados e provocaram a saída de muitos deles. A percepção de que o engajamento pode levar a conflitos e à complexidade das



relações desencorajou a participação ativa e prejudicou a coesão do grupo, refletindo em um enfraquecimento da organização coletiva e da cozinha comunitária.

Então eu sinto assim, que repensar esse modelo de gestão por uma coisa um pouco mais atual, mais de fato democrática, acho que seria um aprendizado coletivo muito importante. Isso eu sinto que muita gente deixa de propor alguma coisa porque não quer atrito sabe, e como é isso, não tem essa clareza, o próprio regimento, eu não conheço muito sobre o regimento de uma Associação, mas é bem vago o regimento e isso deixa muito espaço pra autoritarismo né, esse pra mim é o problema, porque tu está em um ambiente que é pra ser comunitário e ai não é de hoje, isso que eu ouço que é uma coisa bem antiga já, de pessoas que falaram que 'ah fulana achou que era a dona da cozinha', ai as outras pessoas saem porque ficou uma pessoa dando ordens né (Associada 1).

Às vezes tem umas questões de mal-entendido, eu acho [...] as vezes a pessoa tá na realidade paralela e você tá falando aqui e daí você vê que a pessoa não entendeu. A gente tem que ir com cuidado porque, por exemplo, questão de assembleia, né, de ouvir as partes. As vezes o pessoal se sente mais ameaçado, entende. Coisa de ser humano, né (Associada 3).

Não falando mal da cozinha, mas você viu que ela não está sendo administrada da forma que tem que ser feito, gente, uma associação, uma cozinha tem que ser pra Comunidade, não tem que ter atrapalho, independente do que venha a acontecer vamos cobrar (Associada 5).

A primeira coisa é despertar o interesse dos associados e mais associados. Acho que trazer mais associados também, né. Eu acho que o mais difícil é trazer esse pessoal pra participar. Fazer eles acreditarem, eles confiarem que isso pode dar certo, pode ir pra frente, né. Eu acho que é mais esse poder de convencimento (Associado 2).

Eu vejo o pessoal muito afastado das coisas. As vezes se juntam, mas fazem algo meio que restrito entre eles e não chamam o resto da Comunidade pra participar, pelo menos até pra passar as ideias [...] aqui parece que o pessoal é meio bairrista porque não chama o pessoal pra participar (Associado 6).

Após a conclusão das entrevistas semiestruturadas, foram realizadas atividades coletivas com o objetivo de reativar a cozinha comunitária e fortalecer a coesão do grupo. Os associados propuseram uma variedade de temas, que foram organizados pela equipe do NAPI Alimento e Território para a elaboração de um cronograma de oficinas. Entre os temas sugeridos estavam ecoturismo, troca de receitas, educação ambiental, bioconstrução, rotulagem de produtos, redes de comercialização, divulgação de produtos, entre outros. Durante esses encontros, foi também elaborada uma lista de novos equipamentos, que atualmente estão sendo adquiridos com financiamento do NAPI Alimento e Território, por meio da Fundação Araucária.



A lista de equipamentos foi elaborada com base nas necessidades de processamento identificadas na cozinha comunitária. Destacam-se entre os itens a despoldadeira, o processador de alimentos, o liquidificador, a batedeira planetária e a amassadeira, entre outros. Esses equipamentos visam otimizar o processamento de produtos, como polpas, pães e bolachas, geleias e doces, aproveitando o conhecimento e as técnicas tradicionais da Comunidade local.

As demais oficinas abordaram estratégias para promover a cooperação mútua e a gestão participativa. As atividades foram direcionadas a promover uma maior integração entre os membros da associação, incentivando a colaboração e a participação ativa. A oficina sobre associativismo foi uma demanda sugerida pela própria Comunidade ao NAPI Alimento e Território, sendo elencada por eles como prioridade entre as opções listadas. Desde o planejamento da oficina, foi fundamental incorporar os princípios da pesquisa-ação, que orientaram a transição do conhecimento para a prática.

O processo envolveu a conversão de proposições descritivas, que apenas relataram a situação atual, em proposições normativas ou prescritivas, que orientaram como se deve agir para promover mudanças. A abordagem pressupõe estabelecer um vínculo entre a descrição dos fatos e as diretrizes de ação, com o objetivo de implementar transformações efetivas baseadas nessa análise (Thiollent, 2011). Em essência, a pesquisa-ação não se limita a compreender a realidade; ela busca transformar a realidade observada por meio de ações planejadas e intencionais.

Desse modo, a oficina foi realizada em abril de 2024, às margens do Rio Sagrado, na área externa da sede da Associação. A atividade começou com um café da manhã compartilhado, que destacou produtos regionais e pratos preparados pelos associados, celebrando e valorizando a culinária local. A escolha do local à beira do rio não foi por acaso, pois simboliza a conexão da Comunidade com o meio ambiente e a importância que o Rio Sagrado desempenha para o território.

A atividade começou com uma mística que incluiu um exercício simbólico de quebrar gravetos, passando de um único até nove juntos. Este exercício proporcionou uma reflexão sobre a importância da união e da coletividade, destacando o papel



essencial da associação na construção de um sentimento de pertencimento e fortalecimento comunitário. Ao conseguir quebrar o graveto sozinho, mas não conseguir quebrar os gravetos unidos, os participantes visualizaram simbolicamente a força que vem da colaboração e da integração. Esse exercício reforçou o compromisso coletivo com o desenvolvimento e a emancipação da Comunidade, além de destacar o papel fundamental da associação nesse contexto (Figura 2).

Figura 2 – Início da oficina sobre associativismo realizada na Associação Comunitária Candonga às margens do Rio Sagrado



Fonte: NAPI Alimento e Território, 2024

Na sequência, os participantes escreveram palavras que representavam a Associação em tarjetas, que foram dispostas para formar uma mandala sobre um pano de chita, com a palavra "Associação" posicionada no centro. Cada membro teve a oportunidade de explicar o significado da palavra escolhida e como ela refletia sua visão e sentimentos em relação à Associação. O exercício permitiu uma reflexão coletiva sobre a identidade e os valores compartilhados pelo grupo (Figura 3).



Figura 3 – Tarjetas com as palavras relacionadas ao tema da oficina, cartilhas disponibilizadas à Associação Comunitária Candonga e os associados que participaram da oficina



Fonte: NAPI Alimento e Território, 2024

Seguindo tal lógica, alguns membros fundadores da Associação Comunitária compartilharam a trajetória da organização desde sua criação até o presente, além de suas experiências com a associação. Foram apresentados os princípios do associativismo, seus valores, a ética da solidariedade e a autogestão. Além disso, foi detalhado o Estatuto Social da Associação Comunitária Candonga, destacando suas funções, os poderes da Associação, as responsabilidades dos cargos da diretoria e do conselho fiscal, bem como os direitos e deveres dos associados. Cada família recebeu uma cartilha contendo essas informações para facilitar a consulta e o acompanhamento das diretrizes apresentadas no Estatuto Social.

Em adição, foi promovida a oficina de reestruturação do regimento interno, com a atualização das normas e procedimentos, a clarificação de responsabilidades e a implementação de novas diretrizes para melhorar a gestão e a transparência. O tema da oficina também foi solicitado pela Comunidade em resposta às novas exigências emergentes na cozinha comunitária, decorrentes da chegada de novos equipamentos e associados(as). Foi discutida a importância do regimento interno para a autogestão, a organização e o adequado funcionamento da cozinha.

Os membros da Associação presentes tiveram a oportunidade de compartilhar suas perspectivas, contribuindo para a melhoria coletiva do regimento interno que estava desatualizado, sua última versão havia sido elaborada no ano de 2008. Dando



continuidade as ações, em julho de 2024, em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR), foi oferecido um curso de formação em boas práticas de manipulação de alimentos, com o objetivo de assegurar a qualidade e segurança alimentar dentro da cozinha comunitária.

Considerando todo o histórico da Comunidade Candonga, o principal desafio enfrentado pela Associação é restaurar a organização coletiva, pois a utilização dos novos equipamentos e o fortalecimento da cozinha comunitária dependem diretamente da coordenação e colaboração efetiva entre os membros da Comunidade. A implementação bem-sucedida dessas melhorias não apenas requer a gestão eficiente dos recursos recém-adquiridos, mas também a criação de um ambiente cooperativo onde todos os associados possam contribuir e se engajar ativamente. Assim, o sucesso das iniciativas está intimamente ligado à capacidade da Associação de promover um senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada, além de fortalecer a dinâmica de trabalho em equipe e o comprometimento com os objetivos comuns.

Após a mediação e mobilização do NAPI Alimento e Território através das entrevistas e oficinas, e o protagonismo das principais lideranças da Comunidade Candonga, o número de associados aumentou para 20 e os membros estão agora se organizando de maneira autossuficiente. A primeira ação coletiva, realizada de forma independente pelos próprios associados, foi a retomada das feiras locais realizadas na cozinha comunitária (sede da Associação), com o objetivo de atender os turistas da região e os moradores locais.

A Comunidade tem reconhecido o potencial turístico no território, que conta com diversos atrativos naturais, como rios e cachoeiras. Entre esses pontos de interesse, destaca-se a Cachoeira Salto do Sagrado, famosa por suas quedas d'água e por sua popularidade durante a temporada de verão. Além de proporcionar atividades recreativas, como trilhas e banhos de cachoeira, a cachoeira também contribui para a economia local. Com isso, as feiras passaram a ser realizadas semanalmente aos sábados, incentivando a participação dos associados, gerando renda e fortalecendo o protagonismo da Comunidade.



Outro exemplo desse avanço ocorreu em julho de 2024, com a eleição de uma nova diretoria para a associação, composta majoritariamente por mulheres. Essas novas líderes têm se envolvido de maneira ativa na cozinha comunitária e estão comprometidas em promover novas iniciativas. A inclusão de mulheres na liderança trouxe uma perspectiva renovada e um dinamismo à associação.

Com esse novo grupo à frente, a associação está concentrada em fortalecer a coesão comunitária, expandir as atividades da cozinha e explorar novas oportunidades para o desenvolvimento local. Destaca-se também a articulação política da associação para obter o reconhecimento do título de utilidade pública para a cozinha comunitária, conquistado em julho deste ano. Esse título pode ampliar as oportunidades de obter recursos para a Comunidade por meio de editais e outras formas de financiamento.

Outro indicador de progresso foi a construção de uma cobertura para a área externa da cozinha comunitária. A ampliação da área externa havia sido desejada por anos e foi concluída em maio de 2024, por meio de um mutirão com a participação dos associados, membros parceiros da Comunidade e o Projeto NAPI se somou nesta atividade coordenada pelos associados (Figura 4). Essa melhoria não apenas visa aprimorar a recepção de visitantes, proporcionando um ambiente mais confortável e acessível, mas também oferece proteção contra intempéries, como sol e chuva.

Figura 4- Cobertura da área externa da cozinha comunitária, construída com a ajuda de um mutirão organizado pela Associação Comunitária Candonga.



Fonte: NAPI Alimento e Território, 2024



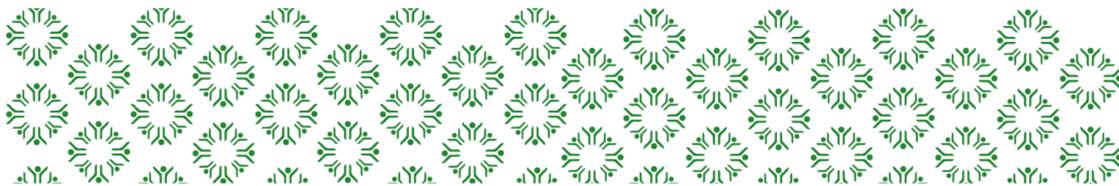
A realização desta obra reflete o compromisso da Comunidade com o bem coletivo, demonstrando a capacidade dos associados em implementar soluções práticas e sustentáveis para atender às necessidades locais. A colaboração ativa dos membros possibilitou a mobilização das habilidades e materiais disponíveis dentro da própria Comunidade. Por exemplo, os bambus usados como pilares para a cobertura foram extraídos da propriedade de um associado, enquanto o projeto foi desenvolvido por outro membro com experiência na construção desse tipo de telhado. Para cobrir os custos dos materiais adicionais, uma rifa está sendo organizada. A execução da obra contou com a colaboração dos associados e dos pesquisadores do NAPI, que, neste contexto, atuaram como coadjuvantes, oferecendo suporte ao processo.

A realização de atividades coletivas promovidas pela própria Comunidade, como o mutirão para a construção da cobertura externa da cozinha, as feiras, a nova eleição e a articulação para adquirir o título de utilidade pública, demonstra o sucesso da autogestão e do protagonismo local. Essas iniciativas evidenciam a capacidade da Comunidade de se mobilizar e coordenar esforços, possivelmente mantendo essa habilidade mesmo após o término das atividades do projeto.

Esse empoderamento reforça o espírito de cooperação e participação ativa de todos os associados. O NAPI Alimento e Território atuou como facilitador, norteado pelos princípios da pesquisa-ação. Essa abordagem colaborativa permitiu à Comunidade não apenas identificar os problemas, mas também participar ativamente do planejamento e da implementação das soluções. A aplicação da metodologia participativa destacou a importância da sinergia entre conhecimento acadêmico e o saber local, evidenciando seu impacto positivo no fortalecimento da cozinha comunitária da Candonga e no fortalecimento do protagonismo local.

Considerações Finais

A Associação Comunitária Candonga atua como um importante catalisador para a mobilização e o fortalecimento da organização coletiva. Observa-se que a Associação está em processo de reorganização, com a cozinha comunitária sendo vista como um



potencial emancipador social. Este espaço foi criado para otimizar o aproveitamento da produção agroecológica local, mas também está se transformando em um centro de construção social, intercâmbio de conhecimentos e valorização dos recursos do território, além de promover o resgate da história, cultura e saberes locais.

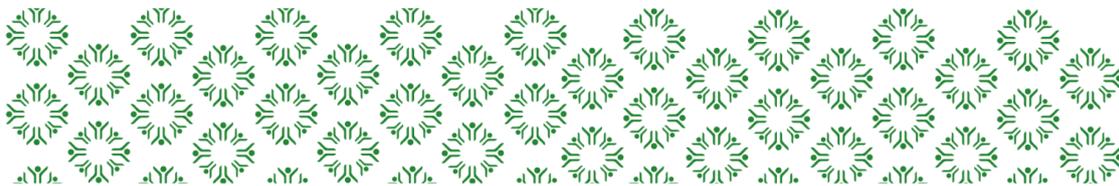
Para impulsionar essa transformação, é fundamental que a universidade atue como mediadora, integrando pesquisa e extensão. Esse papel é importante para promover a autonomia das comunidades e estimular o desenvolvimento territorial sustentável. Nesse processo, as metodologias participativas são essenciais, pois permitem identificar de forma colaborativa as necessidades prioritárias das comunidades e assegurar o envolvimento ativo dos membros locais. As abordagens participativas garantem que as soluções propostas estejam alinhadas com as realidades e desafios específicos de cada comunidade, promovendo um maior engajamento e corresponsabilidade na implementação das ações.

O próximo passo na cozinha comunitária da Candonga envolve a criação de cartilhas e materiais de divulgação de produtos, que serão essenciais para valorizar os produtores da região e fortalecer os circuitos de comercialização. Essas iniciativas não apenas visam aumentar o envolvimento e a capacitação dos associados, mas também contribuir significativamente para o desenvolvimento colaborativo do território. Ao promover uma abordagem integrada, a universidade possibilitará a consolidação de práticas que promovem a autonomia local e a sustentabilidade a longo prazo, possibilitando assim, a continuidade das ações lideradas pela comunidade independente do tempo de execução dos projetos.

Referências

ALVAREZ, E. Feria de trueque y agrosistemas tradicionales: organización y generación de antecedentes para un diagnóstico participativo de las comunidades de Rio Sagrado. Rio de Janeiro: Instituto Lagoe, 2008.

ARAUJO, G. P.; SAMPAIO, C. A. C. (org.). *Relatório técnico do 1. encontro de turismo em Imbituba e Garopaba, SC*. Florianópolis: UFSC, 2004.



DENARDIN, V. F.; SULZBACH, M. T. Produtos com identidade territorial: o caso da farinha de mandioca no litoral paranaense. In: SAQUET, M. A.; SANTOS, R. A. *Geografia agrária, território e desenvolvimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 219-236.

DIONNE, H. *A pesquisa-ação para o desenvolvimento local*. Tradução de Michel Thiollent. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2007.

MORIN, A. *Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada*. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

OLIVEIRA, M. M. A.; SARNEI, J. F. *Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000*. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da constituição federal, institui o sistema nacional de unidades de conservação da natureza e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2000.

PARANÁ. Fundação Araucária. *Nota Técnica da fundação A n. 01/2019*. Novos arranjos de pesquisa e inovação – NAPI. Curitiba: Fundação Araucária, 2019. Disponível em: https://www.fappr.pr.gov.br/sites/fundacao-araucaria/arquivos_restritos/files/documento/2020-06/nota_001_napi.pdf. Acesso em:

SAMPAIO, C. A. C.; ALVES, F. K. Arranjo socioproductivo de base comunitária (APL.COM): um projeto piloto na comunidade do entorno da microbacia do Rio Sagrado (Morretes/PR). *Organizações Rurais & Agroindustriais*, Lavras, v. 15, n. 1, p. 30-42, 2013. DOI 10.22004/ag.econ.262685.

SANTOS, G. F.; FERNANDES, L. N.; SOUSA, C. M. de M.; GARROTE, M. S. História da ocupação humana e do uso da natureza na microbacia hidrográfica do Rio Sagrado Morretes, Paraná, Brasil. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica, v. 2, n. 47, p. 1-15, 2011. DOI 10.5194/nhess-2019-128.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

Agradecimentos

Agradecemos, em especial, a todas as famílias da Associação Comunitária Candonga que fizeram parte deste estudo, Fundação Araucária e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) pelo apoio financeiro.

Recebido em: 30/08/2024

Aceito em: 09/10/2024